

CICLO DE VIDA E POSSE DE ESCRAVOS: ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE CORTES TRANSVERSAIS E ESTUDOS LONGITUDINAIS

Iraci del Nero da Costa¹

I - INTRODUÇÃO

Tanto no exterior como no Brasil vários autores já empreenderam estudos visando à verificação empírica da hipótese do ciclo de vida aplicada à propriedade de cativos.² Essas pesquisas levaram, insofismavelmente, à comprovação de tal hipótese tanto para dados tomados num mesmo momento do tempo (corte transversal ou em *cross section*), como em série de tempo, vale dizer, com base no acompanhamento longitudinal de uma ou mais coortes de proprietários de escravos. Firmou-se, ademais, a superioridade dos estudos longitudinais, pois seus resultados incorporam as vicissitudes econômicas defrontadas pelos grupos de escravistas considerados, ou seja, mudanças econômicas capazes de alterar, no correr do tempo, o padrão de acumulação de riqueza, no caso medida pelo número de cativos possuídos, não captáveis em estudos pontuais (*cross section*), são plenamente detectadas pelos estudos longitudinais; refletindo, estes últimos, portanto, fidedignamente, os processos de acumulação efetivamente vivenciados pelas aludidas coortes.

Não obstante esta óbvia superioridade dos trabalhos calcados em cortes longitudinais, vários óbices colocam-se à sua consecução. Assim, à falta de documentação homogênea que cubra largo espaço temporal, aliam-se a imprecisão e variabilidade na indicação dos nomes das pessoas, a grande mobilidade espacial de nossas populações pretéritas e a dificuldade envolvida na localização de fontes documentais ainda dispersas e cuja elaboração cabia a instâncias, órgãos ou autoridades funcionais distintas, as quais, via de regra, adotavam critérios díspares na caracterização de um mesmo dado. Em face de tais obstáculos, não é raro, pois, que as informações resultantes de levantamentos longitudinais mostrem-se numericamente pouco expressivas; fato este que, em muitos casos, impede análises mais circunstanciadas e abrangentes.

Sempre tendo em conta o caso da hipótese do ciclo de vida pensada em termos do número de escravos possuídos propomos, neste artigo, um procedimento mediante o qual visamos a superar algumas das limitações acima reportadas. Nosso escopo, cuja concepção nos parece das mais simples, é estabelecer um método baseado no tratamento

¹ O autor é grato a Renato Leite Marcondes, pela sugestão do tema, e a José Flávio Motta, pelas corrigendas e críticas.

² Cf., entre outros, os trabalhos: GUTMAN, 1976; METCALF, 1983; COSTA, 1983; BACELLAR, 1987; SCOTT, 1987; COSTA & NOZOE, 1989; MOTTA, 1990 e LEWKOWICZ, 1992.

de dados tomados em distintos momentos do tempo (em *cross section*, portanto) e capaz de conduzir-nos a informações estatísticas grosseiramente aproximadas das que redundariam do almejado, porém por vezes inexequível, levantamento longitudinal, o qual, como sabido, exige o acompanhamento de todos os integrantes de um mesmo grupo de escravistas no correr de todo o lapso temporal sob análise. Vejamos, pois, passo a passo, a solução alternativa por nós aventada.

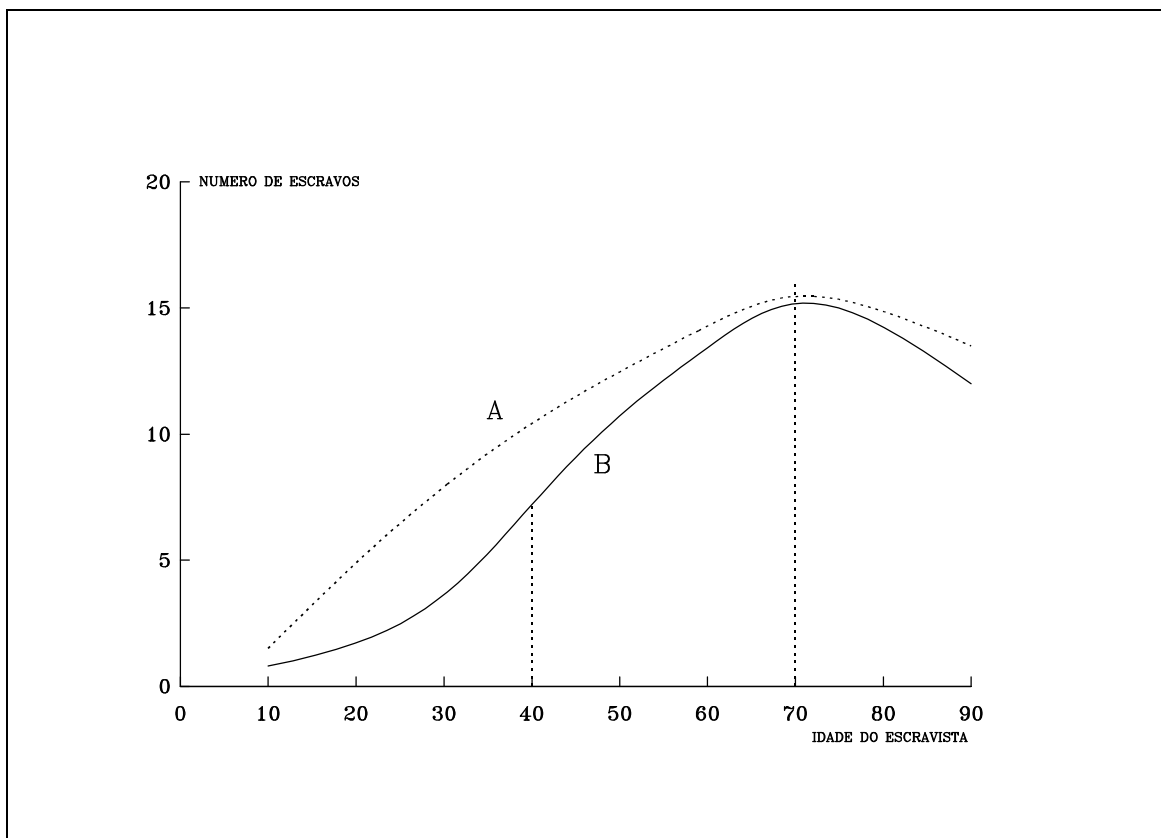
II - RELEMBRANDO ALGUMAS HIPÓTESES BÁSICAS

Recordemos, antes do mais, as hipóteses básicas da teoria do ciclo de vida quando aplicada ao caso da posse de escravos. Para tal circunstância prevê-se o seguinte: hipoteticamente, pode-se esperar que o número de escravos varie com a idade do proprietário. Assim, até a faixa dos sessenta-setenta anos verificar-se-ia uma correlação positiva entre as duas variáveis. Tal afirmativa parte do suposto de que o escravista tenderia a acumular riqueza, neste caso representada pelo número de escravos possuídos, no correr do período economicamente ativo de sua vida.³ Já para a faixa colocada após os setenta anos, como decorrência de uma eventual partilha de bens em vida ou da não-reposição de escravos falecidos, ocorreria uma relação inversa entre idade do proprietário e número de cativos. Em termos gráficos, a suposição aqui explicitada apresentaria o lineamento das curvas traçadas na figura 1.

A diferença entre os perfis das linhas **A** e **B** prende-se às taxas segundo as quais dar-se-ia a acumulação da posse escrava. A curva **A** indica que, até a idade de 70 anos, tal acumulação ocorreria segundo taxas decrescentes; já para a curva **B** teríamos um processo de acumulação segundo taxas crescentes até a idade de 40 anos e, a partir daí e até os 70 anos, o aludido processo verificar-se-ia segundo taxas decrescentes. Para ambas as curvas, e até os 70 anos, o número absoluto de cativos possuídos mostrar-se-ia crescente; ainda para ambas, após os 70 anos de idade, o escravista passaria a desacumular, isto é, o número de seus escravos decresceria em termos absolutos.

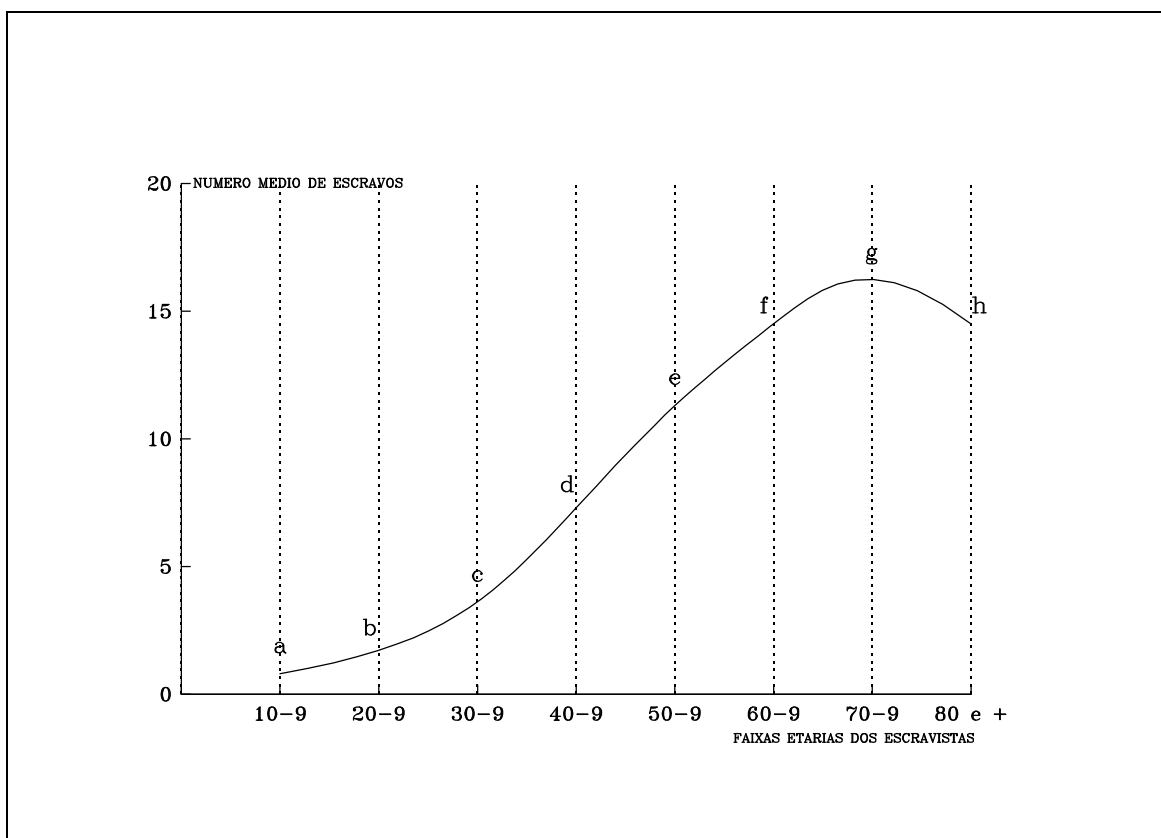
³ Várias eram as maneiras mediante as quais os plantéis viam-se acrescidos. À aquisição decorrente da compra de novos cativos somavam-se as doações, recebimento de dote e/ou heranças e os eventuais incrementos devidos ao próprio crescimento vegetativo do plantel já possuído pelo escravista. A respeito desta última forma vale lembrar o modelo formulado por H. G. Gutman, o qual, sucintamente, propõe o seguinte: “A influência do senhor é marcante, por exemplo, no modelo cíclico de destruição, construção e dispersão da família escrava elaborado por Gutman. Esse movimento cíclico acompanha as diversas etapas da vida – e da atividade econômica – do proprietário de pequenas plantações. Este, ao iniciar sua vida adulta, procede à formação de sua força de trabalho, com isso acarretando amiúde a destruição de laços familiares anteriormente possuídos por seus escravos; tais laços vão-se reconstruindo e desenvolvendo, em um processo de estabilização e reprodução da mão-de-obra que marca a ‘meia-idade’ do senhor; por fim, a velhice ou a morte deste freqüentemente provoca a quebra dos laços construídos na fase anterior, tendo lugar a dispersão da força de trabalho.” (MOTTA, 1990, p. 231-232).

FIGURA 1
RELAÇÕES HIPOTÉTICAS ENTRE A IDADE DO ESCRAVISTA
E O NÚMERO DE ESCRAVOS POSSUÍDOS



Quando operamos com dados concretos, vale dizer, colhidos nas fontes documentais disponíveis, e concernentes a mais de um escravista, impõe-se a introdução de duas alterações formais na maneira de apresentá-los. Assim, para atenuar eventuais imprecisões quanto às idades atribuídas aos escravistas, são elas agrupadas em faixas etárias decenais, por via de regra dos 10 aos 19 anos, dos 20 aos 29 etc., até a faixa superior correspondente aos indivíduos com 80 ou mais anos. A segunda mudança diz respeito aos escravos possuídos, os quais não são computados em termos de números absolutos, mas, sim, segundo valores médios, ou seja, para cada faixa etária considera-se o número médio de cativos pertencentes aos escravistas nela congregados. Destarte, a apresentação gráfica dos dados assume um perfil semelhante ao traçado na figura 2. A linha que une os pontos (a, b, ... h) correspondentes ao número médio de escravos possuídos serve, pois, para orientar o leitor na visualização dos resultados obtidos, sugerindo-lhe qual seria o perfil da curva caso tomássemos a variável idade ano a ano (10, 11, ... n anos).

FIGURA 2
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS



III - RELAÇÕES ENTRE ESTUDOS TRANSVERSAIS E LONGITUDINAIS

Isto posto, e tendo presente estarmos a tratar de uma dada localidade ou região, vejamos as semelhanças, diferenças e relações existentes entre os estudos em *cross section*, vale dizer, os dados referem-se a um específico momento do tempo; a um censo efetuado em 1800, por exemplo, e os estudos longitudinais, ou seja, as informações são tomadas para um mesmo grupo de pessoas (escravistas no nosso caso) ao longo de suas vidas, dada a restrição de que componham uma coorte, isto é, apresentem uma característica comum (por exemplo: estivessem colocadas, em 1730, na faixa dos 10 aos 19 anos de idade).

Suponhamos, de início, estarmos a estudar uma localidade cujo comportamento fosse estável no correr do tempo, vale dizer, seu padrão de acumulação seria sempre o mesmo e suas variáveis demográficas e econômicas caracterizar-se-iam pela ausência de mudanças (de sorte a reproduzirem-se indefinidamente) ou, se acontecessem mudanças

(acréscimos ou decrementos), seriam elas tamanhamente harmônicas que se dariam segundo as mesmas taxas. Neste último caso, se ocorresse a duplicação dos efetivos populacionais, os efetivos alocados em cada faixa etária de escravistas também ver-se-iam duplicados, o número de escravos concernentes a cada faixa etária de escravistas também dobraria, assim como os recursos econômicos necessários à manutenção das atividades e à eventual compra de novos cativos. Enfim, estaríamos, sempre, a nos defrontar com os mesmos valores médios para todas as relações de caráter demográfico ou econômico.

Com respeito aos estudos longitudinais ou em *cross section*, a conclusão imediata a se tirar do quadro acima delineado é que seus resultados seriam idênticos, sobrepondo-se, integralmente, as curvas que os representam; assim, conforme ilustrado pelas figuras 3 e 4, a única distinção possível entre as resultantes dos dois tipos de estudo é dada pelos dizeres que os identificam: um estribado em corte longitudinal, o outro fundado em informações levantadas para um determinado momento do tempo (1800, por exemplo).

FIGURA 3
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS
 (Localidade - Escravistas nascidos no período 1711-1720)

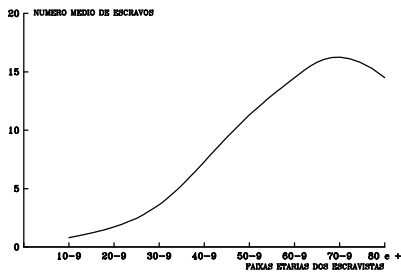
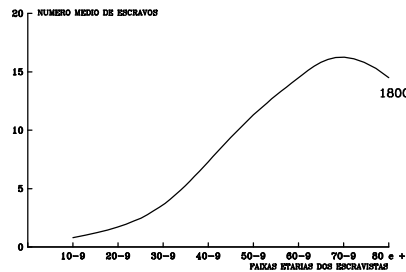
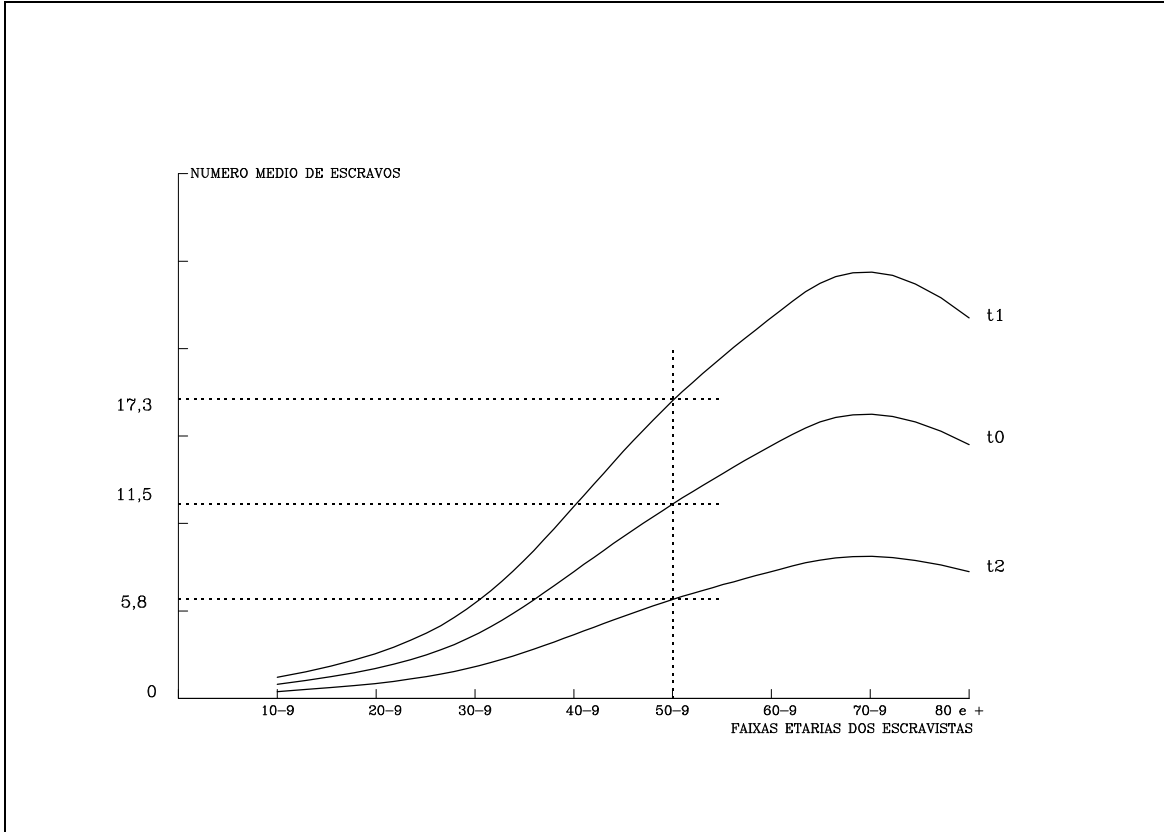


FIGURA 4
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS
 (Localidade - 1800)



Outra conclusão a se inferir do exposto até aqui diz respeito ao perfil das curvas de *cross section* caso se dessem mudanças no padrão de acumulação. Suponhamos, a título ilustrativo, que estivéssemos a tratar de uma localidade a qual mostrasse, num primeiro momento, o padrão de acumulação expresso pela curva t_0 da figura 5 e que se defrontasse, num segundo momento (t_1), com uma alteração (expansão) econômica capaz de levá-la a um padrão de acumulação superior ao inicialmente observado (t_0), e que, num terceiro momento (t_2), se visse presa de abalo (depressão) econômico do qual resultasse, por causa de um processo generalizado de "desacumulação", um padrão inferior ao verificado no aludido momento t_0 . Na figura 5 vão indicados, sempre a título exemplificativo, alguns dentre os infinitos resultados que poderiam decorrer das alterações ora descritas.

FIGURA 5
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS
(Localidade, $t_0 = 1800$, $t_1 = 1810$, $t_2 = 1820$)



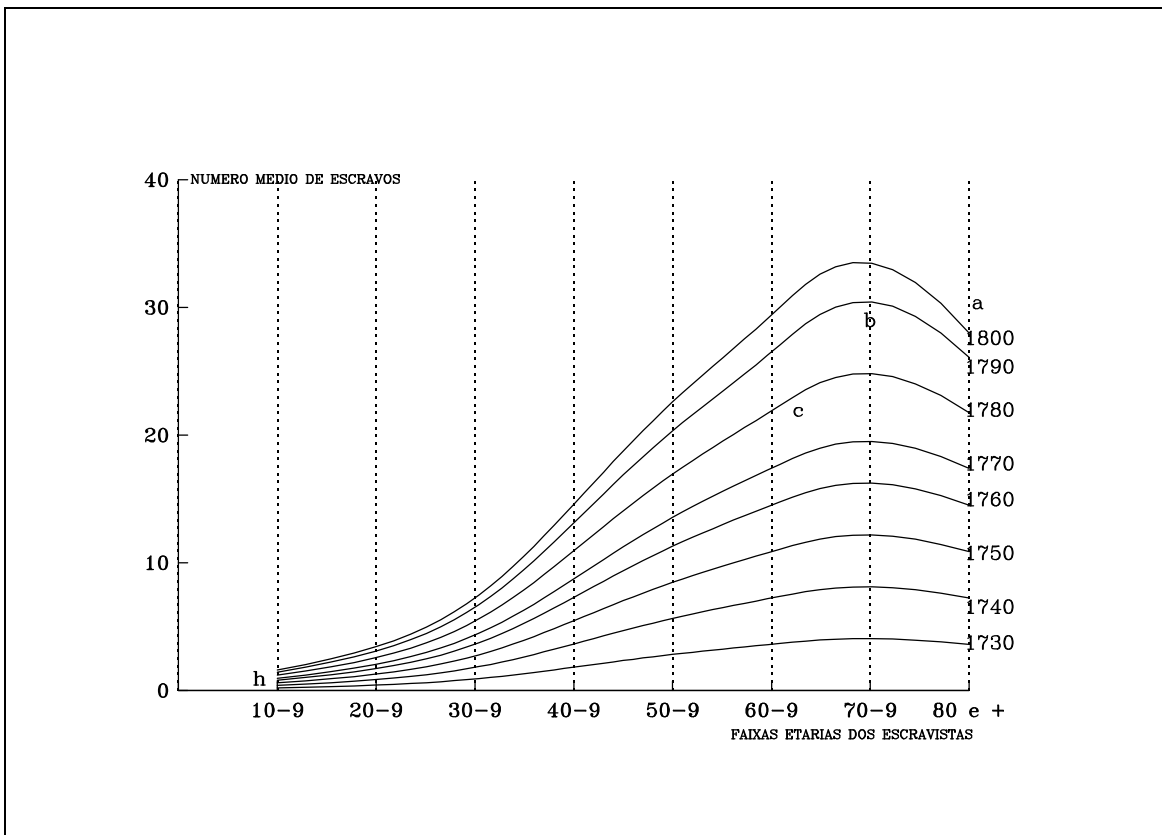
Ainda em termos meramente ilustrativos, e para fixarmos a compreensão concernente a mudanças de padrões de acumulação, atenhamo-nos aos valores inscritos na figura 5. Admitindo que o momento t_0 refira-se a um levantamento realizado em 1800 observa-se que os escravistas colocados na faixa etária dos 50 aos 59 anos de idade detinham, em média, 11,5 cativos. Já no momento t_1 (1810, por exemplo), em face da expansão econômica, os proprietários de cativos daquela mesma faixa etária possuíam, em média, 17,3 escravos; correlatamente, presente o processo generalizado de "desacumulação", passaram os escravistas cujas idades estavam entre os 50 e 59 anos a deter, no momento t_2 (1820, digamos), em média, tão-somente 5,8 escravos. Como se vê, mudanças do padrão de acumulação implicam, necessariamente, movimentos "para cima" ou "para baixo" das curvas em tela. Tais "movimentos", lembre-se, podem restringir-se a apenas um segmento das aludidas curvas; o relevante aqui é termos claro que mudanças do padrão de acumulação se expressam, necessariamente, mediante "movimentos" das curvas em foco, ou seja: cada uma das infinitas curvas possíveis expressa um específico padrão de acumulação.

IV - EXPOSIÇÃO DO PROCEDIMENTO ORA PROPOSTO

Compreendidos os elementos acima colocados, enfrentemos, agora, a seguinte pergunta: seria possível, caso estivéssemos a tratar com uma população que não conhecesse processos migratórios (vale dizer, que não se visse afetada por emigração nem por imigração), estabelecer, com base em dados tomados em *cross section*, os valores concernentes ao acompanhamento longitudinal de uma dada coorte, mesmo na presença de alterações no padrão de acumulação? A resposta a tal questão é imediata e afirmativa. Se não, vejamos.

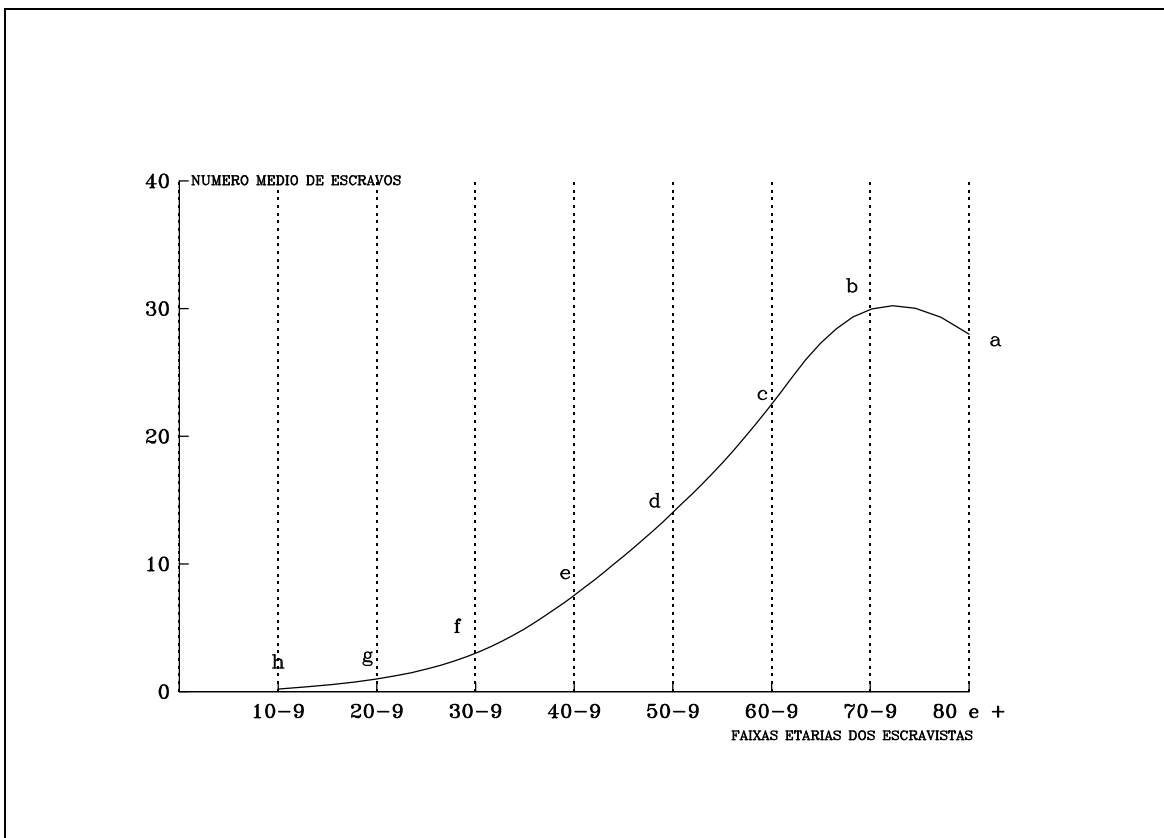
Suponhamos serem disponíveis, para a população acima referida, oito levantamentos censitários efetuados com espaçamento de dez anos; ademais, sempre em termos exemplificativos, admitamos que o padrão de acumulação da localidade em pauta alterou-se, continuamente, para níveis superiores no correr do tempo abrangido pelos aludidos levantamentos populacionais. Caso colocássemos em gráfico os dados pertinentes chegaríamos a algo como o mostrado na figura 6.

FIGURA 6
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS
(Localidade, 1730, 1740 ... e 1800)



Como é óbvio, os remanescentes dos escravistas que estavam colocados na faixa dos 10 aos 19 anos em 1730 ver-se-iam considerados na faixa dos 20-29 anos no levantamento de 1740; por fim, os escravistas que alcançaram, em 1800, a faixa dos 80 e mais anos estariam, igualmente, contemplados na curva referente a este último ano. Ora, para definirmos o processo de acumulação efetivamente defrontado pela coorte dos que contavam de 10 a 19 anos em 1730, basta considerarmos, para cada faixa etária, o ponto correspondente de cada uma das curvas de *cross section*: **a** para 1800, **b** para 1790, **c** para 1780 e assim por diante até o ponto **h** (1730). A união destes pontos representará, portanto, o processo de acumulação procurado (Cf. figura 7).

FIGURA 7
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS
(Localidade, Levantamentos efetuados de 1730 a 1800)



Pois bem, e aqui colocamos nossa última pergunta: e se a população estivesse sujeita a movimentos migratórios, a curva resultante do procedimento acima enunciado refletiria o "processo de acumulação efetivamente defrontado ..."? A resposta, igualmente

imediate, é: **não**, tal processo não seria fidedignamente representado por esta curva, pois, dele teríamos, tão-só, uma aproximação mais ou menos grosseira; isto decorre do fato de não podermos contar com o acompanhamento de uma coorte, pois, dados os movimentos migratórios, no deslocamento de uma para outra faixa etária encontrar-nos-íamos em face de agrupamentos não homogêneos e compostos por pessoas que poderiam ou não estar presentes na faixa da qual partimos. Ademais, enquanto alguns escravistas estivessem a se deslocar para outras localidades, outros estariam a chegar de regiões nas quais o padrão de acumulação poderia ser absolutamente distinto do imperante na localidade em estudo.

Ressaltadas as debilidades do método ora proposto, vejamos em que condições esta aproximação grosseira pode revelar-se útil. A primeira delas prende-se à disponibilidade de levantamentos populacionais que cubram um lapso temporal de cerca de setenta a oitenta anos e que guardem entre si um espaçamento não muito superior a dez anos. A segunda condição diz respeito à impossibilidade de se efetuarem, para a localidade em apreço, estudos longitudinais lastreados na consideração de coortes integradas por escravistas passíveis de serem corretamente identificados.

Uma eventual vantagem de nosso método está no fato de que em sua aplicação contemplamos, para cada faixa etária, todos os escravistas listados, podendo-se contar, portanto, com um número relativamente avultado de observações, certamente muito superior ao propiciado por estudos longitudinais. Ademais, embora se deva reconhecer, como avançado, tratar-se de mera aproximação se referidos a **pessoas integrantes de uma específica coorte**, é inegável que os resultados alcançados com base no procedimento aqui preconizado expressam, com plausível grau de verossimilhança, os processos de acumulação e as vicissitudes econômicas concretamente observados na **localidade** estudada. Permitimo-nos concluir, pois, que, presentes as restrições apontadas e em face da comprovada impossibilidade de efetuarmos estudos longitudinais para a localidade sob análise, a alternativa ora proposta representa sucedâneo plenamente aceitável.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escusando-nos pelo desbragado teor didático emprestado a estas notas e por não havermos desenvolvido aplicações empíricas do método aqui exposto, apelamos aos colegas que as desenvolvam servindo-se do riquíssimo repertório de informações demoeconômicas consubstanciado nos *Maços de População* depositados no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Abrimo-nos também, é claro, às críticas, sugestões e reparos que este apoucado escrito possa vir a despertar.

APÊNDICE

NOTA SOBRE APRESENTAÇÃO GRÁFICA DE LEVANTAMENTOS LONGITUDINAIS

Vão explicitadas abaixo duas formas de apresentação gráfica de levantamentos longitudinais concernentes aos números médios de cativos possuídos ao longo da vida de integrantes de uma ou mais coortes de escravistas.

Admitamos, a título ilustrativo, que dispomos de informações resultantes de oito levantamentos longitudinais, com espaçamento temporal de dez anos entre um e outro, referentes a oito distintas coortes de escravistas. Suponhamos, ademais, que as coortes presentes nestes levantamentos sejam as descritas no quadro I.

QUADRO I COORTES PARA AS QUAIS DISPOMOS DE INFORMAÇÕES

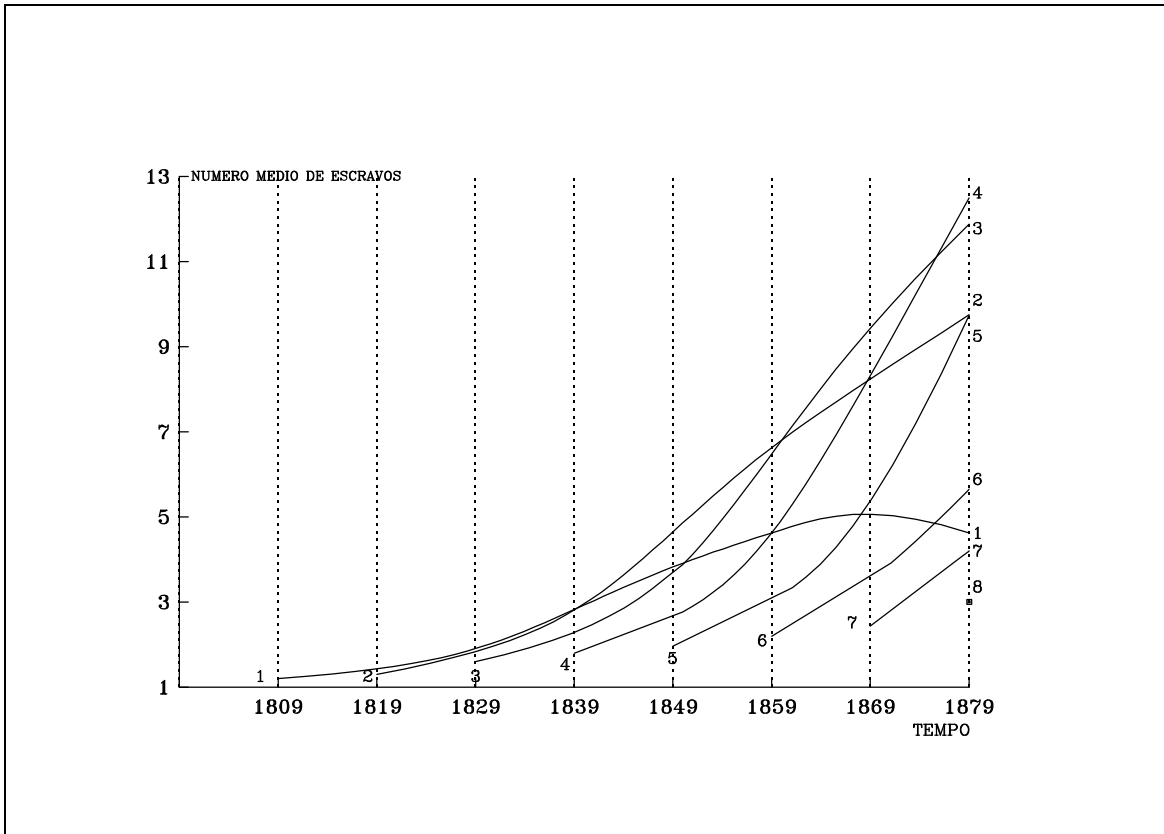
coorte 1-1 (ou C 1809)	= coorte dos escravistas que, em 1809, colocavam-se na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade e cujos remanescentes <i>estariam</i> , portanto, em 1879, na faixa dos 80 e mais anos.
coorte 2-2 (ou C 1819)	= coorte dos escravistas que, em 1819, colocavam-se na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade e cujos remanescentes <i>estariam</i> , portanto, em 1879, na faixa dos 70 aos 79 anos.
.....	
coorte 7-7 (ou C 1869)	= coorte dos escravista que, em 1869, colocavam-se na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade e cujos remanescentes <i>estariam</i> , portanto, em 1879, na faixa dos 20 aos 29 anos.
coorte 8-8 (ou C 1879)	= coorte dos escravistas que, em 1879, colocavam-se na faixa dos 10 aos 19 anos e que, portanto, <i>estariam</i> neste ano de 1879 na mesma faixa dos 10 aos 19 anos.

Consideremos, por fim, que para cada coorte seja calculado o número médio de escravos possuídos por escravistas colocados em oito faixas etárias decenais (10-19 anos, 20-29, ... 70-79 e 80 e mais anos), dada a restrição (aqui admitida tão-só para simplificar a exposição) de dispormos das informações para todas as oito faixas etárias (10-19,... 80 e +) só para a coorte 1-1 (ou C 1809); já para a coorte 2-2 (ou C 1819) contaríamos com informações só para sete faixas (10-19,... 70-79) e assim por diante de tal sorte que, para a coorte 8-8 (ou C 1879), só teríamos a informação referente à faixa etária dos 10 aos 19 anos.

Isto posto, vejamos como apresentar graficamente tais dados. A primeira maneira, intuitiva diríamos, está em indicarmos o **número médio de escravos possuídos** no eixo vertical e o **tempo** no eixo horizontal de forma que cada coorte, a começar pela 2-2, guarde, com respeito à precedente, um espaçamento de dez anos (Cf. figura A). A primeira coorte (1-1), de acordo com as condições acima postas, vê-se representada por uma curva que se estende de 1809 a 1879 cobrindo, portanto, todas as faixas etárias; a segunda coorte (2-2) vai indicada pela curva com ponto inicial em 1819, ano no qual seus integrantes mostrariam idades entre 10 e 19 anos, e com término em 1879, momento no qual os escravistas sobreviventes colocar-se-iam na faixa dos 70 aos 79 anos; por fim, a última coorte (8-8) ver-se-ia expressa

por um único ponto, correspondente ao número médio de escravos possuídos, em 1879, pelos proprietários com idades colocadas na faixa dos 10 aos 19 anos.

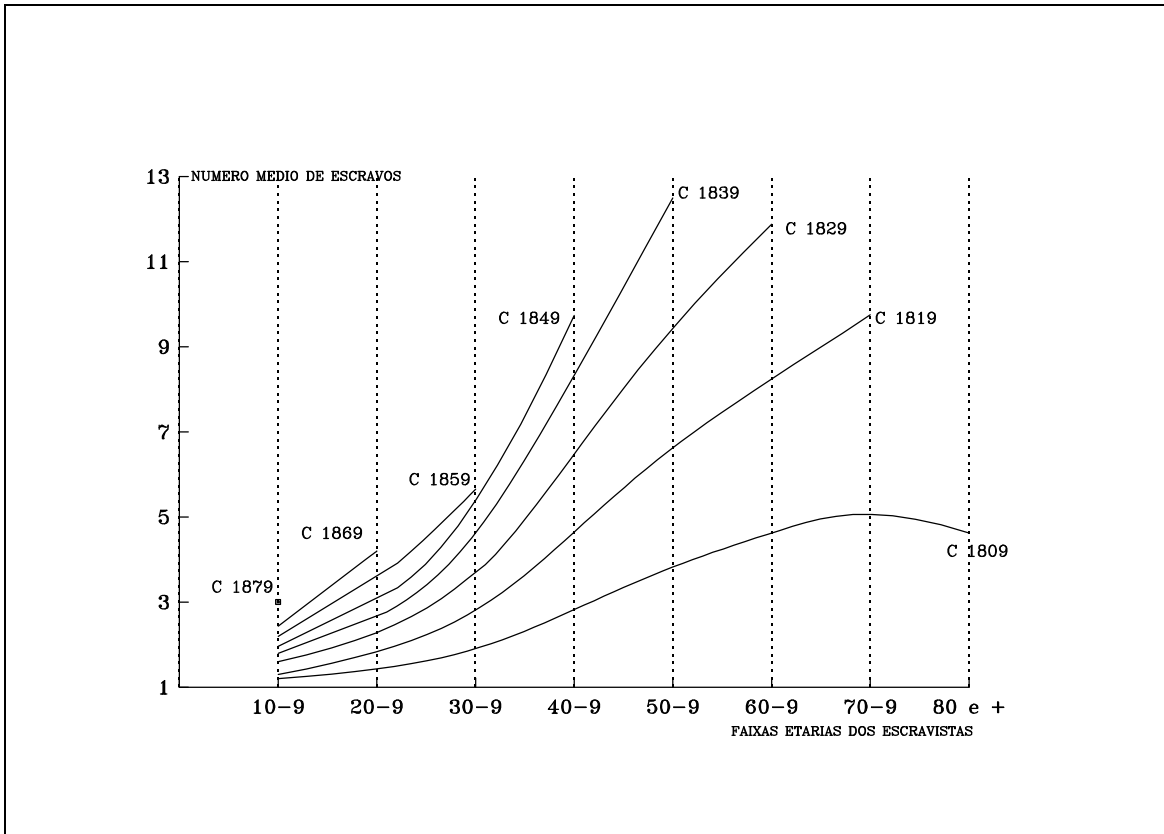
FIGURA A
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS POSSUÍDOS, NO CORRER DO TEMPO, POR
ESCRAVISTAS INTEGRANTES DE COORTES ESPECÍFICAS
(Localidade, 1809 a 1879)



Embora correto, o gráfico resultante deste primeiro procedimento não permite uma visualização clara e imediata das eventuais mudanças ocorridas nos processos de acumulação vivenciados pelos integrantes das distintas coortes. Procuremos, pois, uma alternativa para expor os mesmos resultados e que possibilite o confronto imediato das curvas correspondentes às oito coortes com as quais estamos a trabalhar neste exemplo. A solução para nossa busca acha-se anunciada no quadro I no qual efetuamos a caracterização das coortes. Senão, vejamos. Se atentarmos para os dizeres em itálico naquele quadro veremos que: os remanescentes da coorte 1-1 (ou *C 1809*) estariam, em 1879, na faixa dos 80 e mais anos; já os remanescentes da coorte 2-2 (ou *C 1819*) estariam, em 1879, na faixa dos 70 aos 79 anos; (...) os remanescentes da coorte 7-7 (ou *C 1869*) estariam, em 1879, na faixa dos 20 aos 29 anos; por fim, os integrantes da coorte 8-8 (ou *C 1879*) estariam, em 1879, na faixa dos 10 aos 19 anos. Ora, para "alinarmos" as curvas correspondentes às várias coortes basta redefinirmos o eixo horizontal da figura A. Assim, no eixo vertical continuaremos a inscrever os valores referentes ao número médio de escravos possuídos, já o eixo horizontal dará suporte às oito faixas etárias aqui contempladas (Cf. figura B). Como se observa na figura abaixo as oito coortes estão presentes: para *C 1809*, como avançado acima, estão indicados os valores médios concernentes a todas as faixas etárias; já para *C 1819* comparecem, tão-

somente, as sete primeiras faixas etárias (dos 10-9 anos até os 70-9); ... para C 1869 aparecem os dados referentes às duas primeiras faixas etárias (10-9 e 20-9 anos); finalmente, para C 1879 contamos, tão-só, com o ponto concernente à faixa dos 10 aos 19 anos. Como esperado, esta forma alternativa de apresentação gráfica permite o confronto imediato das várias coortes, facilitando a visualização dos processos de acumulação vivenciados pelos escravistas que as integram.

FIGURA B
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS POR FAIXAS ETÁRIAS DOS ESCRAVISTAS PARA
COORTES ESPECÍFICAS (CORTES LONGITUDINAIS)
(Localidade, Coortes: 1809, 1819 ... e 1879)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra – família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do oeste paulista, 1765-1855*. São Paulo, FFLCH-USP, mestrado, 1987, mimeografado.
- COSTA, Iraci del Nero da. Nota sobre ciclo de vida e posse de escravos. *História: Questões e Debates*. Curitiba, APAH, 4(6): 121-127, 1983.
- COSTA, Iraci del Nero da & NOZOE, Nelson Hideiki. Elementos da estrutura de posse de escravos em Lorena no alvorecer do século XIX. *Estudos Econômicos*. São Paulo, IPE-USP, 19(2): 319-345, 1989.
- GUTMAN, Herbert George. *The black family in slavery and freedom, 1750-1925*. New York, Vintage Books, 1976.
- LEWKOWICZ, Ida. *Vida em família: caminhos da igualdade em Minas Gerais (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo, FFLCH-USP, doutoramento, 1992, mimeografado.
- METCALF, Alida C. *Families of planters, peasants and slaves: strategies for survival in Santana de Parnaíba, Brazil, 1720-1820*. Austin. The University of Texas at Austin, doutoramento, 1983, mimeografado.
- MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres: estrutura da posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal, 1801-1829)*. São Paulo, FEA-USP, doutoramento, 1990, mimeografado.
- SCOTT, Ana Sílvia Volpi. *Dinâmica familiar da elite paulista (1765-1836): estudo diferencial de demografia histórica das famílias dos proprietários de grandes escravarias no Vale do Paraíba e região da capital de São Paulo*. São Paulo, FFLCH-USP, mestrado, 1987, mimeografado.